



Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

www.sbpbrasil.org

Ano 23, n. 61

Maio/2008

EDITORIAL

Nessa edição, dedicada aos 50 anos de SBP, apresentamos o discurso de nosso presidente, João Carlos Coimbra, proferido no dia 7 de março de 2008, durante coquetel de comemoração, realizado em Porto Alegre.

“Caros amigos e amigas. É um prazer imenso estar hoje reunido com vocês, nesse momento festivo, onde lembramos os 50 anos da fundação da nossa valorosa Sociedade Brasileira de Paleontologia. Lembro que nessa mesma data estamos tendo outros três eventos; um na região Sudeste, no Rio de Janeiro, outro na região Nordeste, em Aracaju, e um terceiro na região Norte, em Rio Branco, todos também alusivos ao cinquentenário da SBP.

Gostaria de iniciar citando uma frase muito conhecida do Padre Antônio Vieira, jesuíta português do século XVII, que trabalhou por longo período no Brasil: **“Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras”**. Se hoje estamos aqui unidos por várias gerações de paleontólogos, é porque a nossa ciência teve a felicidade de encontrar no Brasil um grupo de

professores/pesquisadores que não só tinham (e têm) o prazer de discutir paleontologia, mas também trabalharam arduamente por ela. E esse trabalho atravessou as portas dos seus laboratórios, unindo-os por um objetivo maior e coletivo, que fez com que fundassem a Sociedade Brasileira de Paleontologia. E foram duas tentativas, a primeira em 1943; porém, naquela oportunidade a comunidade paleontológica ainda era muito pequena no País. Mas a saga continuou. Passados mais 15 anos, em 7 de março de 1958, foi fundada a SBP por 42 visionários que conseguiram transformar o sonho em realidade.

E as obras continuaram! Certamente uma das mais importantes foi a criação dos cursos de mestrado e doutorado com área de concentração em Paleontologia, o que ocorreu no final da década de 60/início da de 70. A partir desse marco, o número de paleontólogos no país vem crescendo numa velocidade maior a cada década, fato visível, inclusive, pelo número de sócios da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Em 2000 éramos 176 sócios quites e hoje somos 433! Outro testemunho desse crescimento persistente é o número de eventos (cont. pg. 2)



Parabéns SBP!

(Foto gentilmente cedida por Simone Baecker Fauth, UNISINOS)

Neste número:

| | |
|----------------------|---|
| 50 anos de SBP | 4 |
| Lançamento de Livros | 8 |
| Eventos | 8 |
| Resumos Paleo 2007 | 9 |

nas diferentes áreas da Paleontologia que ocorrem todos os anos, desde pequenos encontros regionais (como as reuniões Paleo), passando por simpósios e congressos nacionais, e chegando a eventos internacionais, cada vez mais comuns em nosso País. Soma-se a esse cenário, a Revista Brasileira de Paleontologia, que surgiu no ano de 2000, como um periódico de caráter local, e que alçou novos vãos, e hoje já obteve várias indexações, bem como a certificação Qualis Nacional A da Capes, e encontra-se em análise pelo ISI.

É importante também registrar que a distribuição de paleontólogos profissionais no território nacional está vencendo a enorme concentração que temos nas regiões Sul e Sudeste. Se não é possível dizer que estamos vivendo numa situação próxima à ideal, é possível perceber que esse quadro se altera rapidamente. Temos hoje paleontólogos doutores produzindo conhecimento e formando jovens na maioria dos estados brasileiros. E, com a expansão do ensino superior federal, novas vagas para docentes doutores surgem com frequência, algumas também para paleontólogos. Além disso, a busca por micro paleontólogos pela indústria do petróleo, em especial pela PETROBRÁS, tomou novo fôlego, e a demanda já é maior que a oferta de especialistas.

*Talvez alguns possam estar pensando que a minha fala é otimista demais. Vou citar outra frase, uma igualmente bem conhecida, dessa vez de Shakespeare: **“Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta, e alegramos pouco pelo muito que temos”**. E me pergunto: “Como não ser otimista diante dessa exitosa história da nossa sociedade e ciência no país, que, como vimos, mesmo 15 anos antes da fundação da SBP, já contava, em 1943, com um grupo de profissionais que partilhava desse objetivo comum em prol da Paleontologia no Brasil? Como não se alegrar diante da bela trajetória da nossa ciência nesse país nos últimos 50 anos?” Se, por um lado, com certeza, temos que manter o espírito crítico que nos faz prosseguir e progredir, também temos muito do que nos alegrar! É por isso que nos reunimos hoje aqui, sem nenhum conflito de gerações, todas irmanadas por uma mesma paixão, a Paleontologia.*

Antes de terminar, gostaria de agradecer a Renata e a Ana Maria, que com entusiasmo se dedicaram à organização dessa comemoração - sem elas não teria se concretizado -; a todos que nos ajudaram na realização desse evento; aos organizadores do calendário comemorativo aos 50 anos da SBP, que todos já receberam, em especial a Ana Maria, a Carolina e a todos que colaboraram enviando e selecionando fotografias; e a todos vocês pela oportunidade de estarmos juntos no dia em que a SBP completa seus 50 anos. Um abraço a todos!”

Aproveitamos a oportunidade para agradecer à: Ana Maria Ribeiro, Deusana Machado, Marcello Guimarães Simões, Marina Bento Soares, Renata Guimarães Netto e Tânia Dutra pela revisão dos resumos apresentados nas Paleos de 2007.

Boa leitura!

Paleo 2007

Paleobotânica

A flora quaternária dos travertinos da região de Itabaiana, Sergipe 9

O Complexo *Dadoxylon-Araucarioxylon* no Permo-Carbonífero da Província Gondvânica: estudo taxonômico 9

Elementos florísticos do afloramento Morro do Papaleo, RS (Bacia do Paraná, Permiano Inferior): significado bioestratigráfico, paleoambiental e paleoclimático 10

Sucessão macro e microflorística do Permiano Inferior no Sul da Bacia do Paraná: implicações nas interpretações paleoclimáticas 10

Paleontologia de invertebrados

Ocorrência de espículas de poríferas no intervalo superior da Formação Rio do Sul (Permiano) do Grupo Itararé, no município de Itaiópolis/SC 11

Os equinóides (Echinodermata: Echinoidea) da localidade Catete Velho I (Cretáceo, Albiano) de Sergipe: resultados preliminares 11

O registro do gênero *Micraster* L. Agassiz, 1936 (Echinodermata - Echinoidea - Spatangoida) para o Turoniano da Bacia de Sergipe-Alagoas 12

Paleontologia de Vertebrados

Estudo histológico de escamas de peixes paleoniscídeos da Formação Irati (Permiano Superior) da Bacia do Paraná, Brasil 12

Ophioapodiformes (Dibamidae, Serpentes e Amphisbaenios) uma proposta de um novo clado dentro de Squamata 13

A coleção de fósseis da megafauna pleistocênica do laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim, Bahia 13

Histórico sobre a ocorrência dos Megatheriidae (Mammalia, Xenarthra) para o Estado do Paraná 14

Icnofósseis

Estudo icnológico e interpretação estratigráfica de um afloramento da Formação Calumbi, Campaniano da Bacia de Sergipe-Alagoas, Brasil 14

Uma nova localidade com pegadas fósseis no Estado do Mato Grosso do Sul 15

Um provável novo icnofóssil para a Formação Irati (Permiano Inferior) da Bacia do Paraná 16

Comunicado de possível novo icnofóssil no intervalo médio da Formação Mafra, Grupo Itararé, Permocarbonífero da Bacia do Paraná 16

Trilha atribuída à *Brasilichnium elusivum* Leonardi 1981, no campus do UNICEMP 17

Tafonomia e Estratigrafia

Descrição preliminar de novos padrões de concentração dos lingulídeos devonianos da Formação Ponta Grossa (Bacia do Paraná) – PR, Brasil 17

Análise da fossildiagênese de lingulídeos devonianos da Formação Ponta Grossa (Bacia do Paraná, Brasil) por espectroscopia de energia dispersiva (EDS) 18

Descrição da base da nova seção colunar Tibagi - Alto do Amparo, Formação Ponta Grossa, Bacia do Paraná, Brasil – implicações sedimentológicas, estratigráficas e tafonômicas 18

Descrição preliminar de nova seção estratigráfica de superfície da Formação Ponta Grossa (Devoniano) na região de Tibagi, Estado do Paraná, Brasil - Seção colunar Tibagi – Alto do Amparo 19

Palestras

Do mar proterozóico da Serra de Itabaiana ao mar mioceno de Tabocas - o litoral de Sergipe ao longo do tempo 20

Introdução ao Sergipe Subterrâneo 20

**50 ANOS DE SPB:
PALEONTÓLOGOS DE DIVERSAS
REGIÕES DO BRASIL COMEMORAM OS
50 ANOS DA CRIAÇÃO DA SBP**

Carla Bender Kotzian
Editora do Boletim Paleontologia em Destaque
SBP



A Sociedade Brasileira de Paleontologia convida a todos os sócios para coquetel de comemoração dos 50 anos de sua fundação.

Dia: 07/03/2008
Local: Restaurante Épico, Grêmio Náutico União, Sede Alto
*Petrópolis, rua Armando Pereira Câmara, s/n, Porto Alegre, RS**
Hora: 19:30 h

Sua presença deve ser confirmada até às 18 h do dia 05/03/2008, pelo e-mail sbp.50anos@gmail.com.
Por se tratar de local com acesso restrito, apenas os nomes constantes na lista de confirmação terão acesso ao evento.
* O GNU conta com estacionamento privativo, com acesso pela rua Armando Pereira Câmara.

No Rio Grande do Sul, onde atualmente está sediada a diretoria da Sociedade Brasileira de Paleontologia, os 50 anos de SBP foram comemorados em um coquetel realizado em Porto Alegre, no dia 7 de março, no restaurante Épico do clube Grêmio Náutico União. No evento, que contou com a participação de cerca de 50 sócios, o presidente da SBP, professor João Carlos Coimbra (UFRGS), fez um discurso narrando a trajetória da SBP nestas últimas cinco décadas de Paleontologia no Brasil, enfatizando os progressos no conhecimento sobre os nossos fósseis e o aumento significativo de paleontólogos no País. Após o discurso, foram citados nominalmente os sócios fundadores da SBP, os quais já haviam sido singelamente homenageados, no calendário de mesa 2008, organizado pela SBP, através de textos e fotos.

Os sócios fundadores presentes no evento – Prof. Emérito Irajá Damiani Pinto, Profa. Yvonne Sanguinetti e Profa. Sônia Bender Kotzian – foram homenageados pela diretoria.



João Carlos Coimbra, presidente da SBP, durante discurso no coquetel de comemoração dos 50 anos de SBP, ocorrido em Porto Alegre.



Renata Guimarães Netto durante a homenagem oferecida aos sócios fundadores, Irajá Damiani Pinto (centro), Yvonne Sanguinetti (esquerda) e Sônia Bender Kotzian (direita).

V Encontro Sergipano de Paleontologia



Em Sergipe, a comemoração do dia do paleontólogo e dos 50 anos de SBP, aconteceu durante o V ESPALEO, realizado no dia 7 de março de 2008, no auditório da reitoria da Universidade Federal de Sergipe, sob a coordenação da professora Maria Helena Zucon, que contou com a colaboração dos estudantes Anderson da C. S. Sobral (Biólogo), Leonardo Ferreira Almeida (Bolsista PIBIC), Sindiany Suelen C. dos Santos (Bolsista PROEX), Jobeane França de Souza (Estagiária Voluntária) e Vinicius Silva Reis (Estagiário Voluntário). Cerca de 150 alunos dos cursos de Biologia (maioria), Arqueologia, História, Comunicação Social e Ciências Naturais participaram do evento. Conforme Maria Helena, o ponto alto encontro foram os debates, principalmente devido à participação dos estudantes do curso de Arqueologia, recém criado na UFS. Palestras sobre “Zooarqueologia e Paleontologia”, “Evolução dos Grandes Vertebrados” e “Museus, Genes e Cultura Humana”, foram proferidas, ocorrendo ainda um coquetel de confraternização.

QUER DIVULGAR A PALEONTOLOGIA DE SUA REGIÃO NO *Paleontologia em Destaque*?

ESCREVA PARA joao.coimbra@ufgrs.br

DIA DO PALEONTÓLOGO 2008 50 ANOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA

7 de Março (sexta-feira)
Às 9h no Auditório
"Roxinho", CCMN, UFRJ
Conferência: Retrospectiva
da Sociedade Brasileira de
Paleontologia
Lançamento do Livro
Icnologia
Homenagem ao Prof.
André Ramus



No Rio de Janeiro, o evento comemorativo ao Dia do Paleontólogo 2008 e aos 50 anos da SBP foi celebrado no dia 7 de março, no auditório “Roxinho” do Centro Cultural Horácio Macedo, localizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). A conferência teve por principal objetivo traçar uma retrospectiva da SBP, além de lançar o livro Icnologia, coletânea de textos sobre os vestígios da atividade orgânica em diferentes substratos.

A mesa foi presidida por Maria Antonieta Rodrigues, coordenadora da Área de Geociências da FAPERJ e consultora da FINEP. Dentre os demais integrantes da mesa, estiveram presentes: Maria Eugênia Marquezini Santos, sócia fundadora da SBP; Herbert Conceição, presidente da Sociedade Brasileira de Geologia; Rômulo Machado, ex-presidente da SBG; Oscar Strohschoen Jr., representante da Petrobras; Sérgio Alex, diretor do Museu Nacional; Célia Senra, representante da UniRio; Cláudia Ribeiro, representante do Núcleo de Paleontologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e o anfitrião Emílio Barroso, da UFRJ.

Maria Eugênia foi destaque no evento, traçando em seu discurso uma detalhada linha histórica dos fatos mais relevantes para a paleontologia no Brasil. Iniciou com a criação do Museu Nacional por Dom João VI sem esquecer datas como a inauguração da cadeira de Paleontologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da antiga Universidade do Brasil, no início da década de 1940. Quanto aos rumos da paleontologia no

Brasil, disse: “Pequenos centros estão começando a se desenvolver e é uma forma de disseminar a cultura e a ciência. Hoje a paleontologia já tem uma maior amplitude de atuação e serviço, está muito firme tanto isoladamente quanto como ciência de apoio à geologia.”

Ao final da comemoração, foi homenageado o professor Andrade Ramos por seu trabalho na área de geologia. Andrade foi diretor do DNPM, onde trabalhou dois anos em Paleontologia e 15 anos em Mapeamento Geológico, além de ter sido presidente eleito da Fundação José Bonifácio (FUJB) da UFRJ, entre os anos de 1984 e 1988, e ex-catedrático de Geologia da UFRJ (Escola Politécnica e Escola Nacional de Geologia).



Maria Eugênia recebe flores ao final do evento.



Andrade Ramos homenageado por seu longo e brilhante trabalho em geologia.

(Fonte: http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=5049. Publicado em 07/03/2008)



O Núcleo São Paulo e o Instituto Geológico (IG/SMA-SP) comemoraram o dia do paleontólogo em 28 de março, nas dependências do Instituto Geológico. Na ocasião foram celebrados também os 122 anos de criação da “Comissão Geographica e Geológica da Província de São Paulo” e os 50 anos de SBP. Durante o evento, foi debatida a centralização virtual das coleções científicas paleontológicas do Estado de São Paulo, cuja discussão foi coordenada pelo professor Renato Pirani Ghilardi (FC/UNESP), bem como a disponibilização das coleções via Web. Também foi discutida a futura implantação de um sistema georeferenciado das ocorrências fossilíferas do Estado pelo Instituto Geológico, utilizando o Sistema desenvolvido por equipe da UNESP e MZ-USP. Houve, ainda, uma Mesa-redonda sobre as Coleções Científicas Paleontológicas, mediada pelo geólogo William Sallun Filho - IG/SMA-SP, da qual participaram o Prof. Emérito Setembrino Petri - IGc/USP e os professores Max Cardoso Langer - FFCLRP/USP e Thomas Rich Fairchild - IGc/USP. Mais de 50 participantes prestigiaram a Paleo 2007.



Mesa redonda na Paleo 2007, realizada em São Paulo.



Renato Ghilardi, coordenador da discussão sobre a Centralização Virtual de Coleções Científicas Paleontológicas.



Da esquerda para a direita: Thomas Fairchild, Willian Nava, Max Langer e Setembrino Petri, em mesa-redonda na Paleo 2007 de São Paulo.

Para comemorar o aniversário de 50 anos da SBP, paleontólogos da UNISINOS se reuniram no dia 7 de março, em uma confraternização nos jardins do campus. Estiveram presentes professores e pesquisadores do Laboratório de Micropaleontologia e do LaviGea (Laboratório da História da Vida e da Terra), e alunos envolvidos em projetos de paleontologia na Unisinos.



Paleontólogos da UNISINOS comemoram os 50 anos de SBP, em animada confraternização, realizada no dia do paleontólogo.

No Acre, em Rio Branco, Karin Adami organizou um jantar de confraternização no dia 7 de março, que contou com a presença do paleontólogo e reitor da UFAC, professor Jonas P. Souza Filho.



Jantar de confraternização realizado no dia 7 de março, em Rio Branco, Acre.

Os 50 anos de SBP também foram felicitados pela Asociación Paleontológica Argentina (APA) e pela colega Mary Zimmermann, através de *e-mails* que reproduzimos a seguir:

“Por este medio hacemos llegar, a través de su persona, a toda la Comunidad Paleontológica Brasileira, nuestras más sinceras felicitaciones por el 50° Aniversario de su fundación.

Augurándoles un futuro próspero a su Asociación y deseando que alcancemos una mayor interacción con nuestra Institución, lo saludo afectuosamente”

Dr. Pedro Raúl Gutiérrez
Presidente Comisión Directiva
Asociación Paleontológica Argentina

“Parabéns a todos que trabalham pela preservação de nossos sítios apesar de todos os contratemplos. É satisfatório saber que temos colegas que cuidam de nosso patrimônio científico”.

Mary Zimmermann

Mudou-se? Trocou e-mail?
Mantenha atualizado seu endereço postal e eletrônico junto ao cadastro da SBP! Só assim as publicações e comunicados da sociedade podem chegar até você.
Envie mudanças para ana.ribeiro@fzb.gov.br

LANÇAMENTO DE LIVROS

DINOSAURIOS DE SUDAMERICA
Informações: Librería Santa Fé
<http://www.lsf.com.ar/>

DOMINICAN AMBER SPIDERS: A
COMPARATIVE PALAEONTOLOGICAL-
NEONTOLOGICAL APPROACH TO
IDENTIFICATION, FAUNISTICS, ECOLOGY AND
BIOGEOGRAPHY
Autor: D. Penney
<http://fossilinsects.net/lib.htm>

EVENTOS

VI Simpósio Brasileiro de Paleontologia de Vertebrados

28 a 30 de maio de 2008
Ribeirão Preto, SP

<http://sites.ffclrp.usp.br/paleo/vi-sbpv>

XII Reunión Argentina de Sedimentología

3 a 6 de Junho de 2008
Buenos Aires, Argentina

<http://www.sedimentologia.org.ar/xiiras>

Fifth International Symposium on Extant and Fossil Charophytes

23 a 26 Setembro de 2008
Rostock, Alemanha

<http://irgc.uow.edu.au/>

III Congreso Latino-americano de Paleontologia de Vertebrados

22 a 25 de setembro de 2008
Neuquén, Argentina

<http://www.proyectodino.com.ar/3clpv>

II Simpósio Sul Americano de Paleontologia de Vertebrados II International Meeting on Palearthropodology

Setembro, 2009
Cruzeiro do Sul, Acre
karen@pq.cnpq.br

44° Congresso Brasileiro de Geologia

26 a 31 de outubro de 2008
Curitiba, PR

<http://www.44cbg.com.br/index.html>

16th International Symposium on Ostracoda

21 a 30 de junho de 2009
Brasília, Brasil

<http://labmicro.unb.br/16iso/>

RESUMOS PALEO 2007

A FLORA QUATERNÁRIA DOS TRAVERTINOS DA REGIÃO DE ITABAIANA, SERGIPE

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, wagner@phoenix.org.br

RICARDO MONTEIRO FARIAS

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, ricardomonteiro@phoenix.org.br

Tufas ou travertinos são depósitos carbonáticos relativamente comuns, em particular no registro geológico mais recente. Estes depósitos são originados pela incrustação de fragmentos vegetais diversos (folhas, troncos, caules e frutos) por carbonato de cálcio, provenientes de soluções aquosas supersaturadas em carbonato de cálcio sob a forma de $\text{Ca}(\text{HCO}_3)_2$ (bicarbonato de cálcio). O enriquecimento dessas soluções se origina, geralmente, da percolação de seções carbonáticas pelas águas meteóricas. Quando o fluxo destas soluções é confinado por quaisquer barreiras, que atuam como pequenos diques, ocorre um desequilíbrio na solução, por diminuição do teor de CO_2 , de modo que microcristais de carbonato de cálcio são nucleados sobre as superfícies dos restos vegetais encontrados no interior desses corpos aquosos, dando origem aos depósitos de tufa. O processo ocorre em fontes termais, pequenos rios e áreas alagadas. A presença de bactérias e algas microscópicas encontradas na vegetação em torno da água supersaturada auxilia no processo, uma vez que estes organismos segregam substâncias que mudam as características físico-químicas do meio, além de um muco que fornece aderência aos primeiros microcristais de calcita, dando início ao processo de mineralização dos depósitos. Após a precipitação em torno dos restos vegetais, os mesmos são decompostos, originando uma rocha leve, bastante porosa, onde podem estar preservadas impressões dos restos vegetais que serviram de suporte para o arcabouço inicial da rocha. A presença de expressivas seções carbonáticas proterozóicas na região de Itabaiana (formações Acauã, Jacoca e Olhos d'Água), aliada a áreas de precipitação relativamente alta, com drenagens pequenas, porém perenes, favoreceu sobremaneira a formação de tufas, para as quais atuaram como fonte do carbonato de cálcio. O estudo preliminar do material coletado em um desses depósitos mostra a presença dominante de Angiospermae (Dicotyledonae), estando representadas famílias ainda encontradas em regiões vizinhas e mesmo no Nordeste brasileiro, como Dilleniaceae, Styracaceae e Myrsinaceae, dentre outras. Estudos fitogeográficos baseados em relações morfométricas, tais como área foliar, complexidade, forma da margem e tipo de nervação [Raunkiaer, 1934, *in* Life forms of plants and statistical plant geography. Clarendon Press, London, pp. 368-378] indicam que os elementos preservados nas tufas seriam representativos de matas de clima relativamente mais úmido que o atualmente presente na região. Embora provavelmente tenham sido mais abundantes no passado, estão hoje presentes apenas em alguns nichos, onde ocorrem como matas ciliares ou de galeria.

O COMPLEXO *DADOXYLON-ARAUCARIOXYLON* NO PERMO-CARBONÍFERO DA PROVÍNCIA GONDVÂNICA: ESTUDO TAXONÔMICO

FRANCINE KURZAWE* & SHEILA MERLOTTI

Depto. de Botânica, CCB, UFSC, SC, franly_k@hotmail.com, sheila@ccb.ufsc.br

No Paleozóico Superior da Província Gondvânica encontram-se, entre outros restos vegetais, frações caulinares de gimnospermas na forma de fragmentos permineralizados de xilema secundário (traqueidóxil) ou, mais raramente, dotados, além deste, de medula e xilema primário. Fósseis deste tipo têm sido descritos desde meados do século XIX sob diferentes nomes genéricos dos quais *Dadoxylon* Endlicher, 1847 e *Araucarioxylon* Kraus, 1870 têm sido os mais amplamente utilizados. Ambos foram criados originalmente para designar espécimes nórdicos anatomicamente similares mas de idades distintas, sendo os paleozóicos denominados *Dadoxylon* e os mesozóicos, *Araucarioxylon*. Desde então, estes nomes têm sido aplicados indiscriminadamente para lenhos nórdicos ou austrais, amedulados ou medulados, paleozóicos ou mesozóicos e relacionados a distintas estruturas vegetativas e reprodutivas e a diferentes táxons gimnospermicos, transformando-se em verdadeiro complexo taxonômico. Visando a clarificação do complexo, inúmeras propostas foram formuladas por diferentes autores e, mais recentemente, a validade e

legitimidade dos gêneros *Dadoxylon* e *Araucarioxylon* têm sido contestadas com base no CINB (Código Internacional de Nomenclatura Botânica). Assim, avalia-se a posição taxonômica das espécies de ambos os gêneros descritas para o Permo-Carbonífero do Gondwana. Das 44 espécies identificadas na literatura, 26 já foram analisadas, propondo-se a transferência das mesmas para os gêneros *Agathoxylon* Hartig, 1848; *Brachyoxylon* Hollick & Jeffrey, 1909; *Protobrachyoxylon* Holden, 1913; *Protophyllocladoxylon* Kräusel, 1939 e *Damudoxylon* Maheshwari emend. Maheshwari, 1972. [*Bolsista CAPES]

ELEMENTOS FLORÍSTICOS DO AFLORAMENTO MORRO DO PAPALÉO, RS (BACIA DO PARANÁ, PERMIANO INFERIOR): SIGNIFICADO BIOESTRATIGRÁFICO, PALEOAMBIENTAL E PALEOCLIMÁTICO

ROBERTO IANNUZZI*

Depto. Paleontologia e Estratigrafia, IG-UFRGS, RS, roberto.iannuzzi@ufrgs.br

GRACIELA PEREIRA TYBUSCH**, DAIANA ROCKENBACH BOARDMAN**

PPGGeo, IG-UFRGS, RS, gracielatybusch@yahoo.com.br, daiana.boardman@gmail.com

GUILHERME ARSEGO ROESLER*** & CLAUDIA LETICIA BARONI***

Curso de Ciências Biológicas, IG-UFRGS, RS, guiroesler@yahoo.com.br, yavanna_rs@yahoo.com.br

O afloramento do Morro do Papaléo tem sido considerado uma importante jazida de restos de vegetais fósseis, onde estão preservados na forma de impressões. Esta localidade situa-se município de Mariana Pimentel, a cerca de 100 km da capital, Estado do Rio Grande do Sul. Os espécimes provêm de depósitos do topo do Subgrupo Itararé e da porção médio-superior da Formação Rio Bonito e constituem o registro da “Flora de *Glossopteris*” na porção sul da Bacia do Paraná. Ressalta-se que, estratigraficamente, a seção aflorante mostra claramente o limite entre as unidades Itararé/Rio Bonito. Em termos fitoestratigráficos este é o único afloramento que apresenta ao longo de uma mesma seção, as três fitozonas referentes ao zoneamento proposto por Guerra-Sommer e Cazzulo-Klepzig (1993), a saber: Zona de Associação *Botrychiopsis plantiana*, subdividida nas subzonas *Gangamopteris obovata* e *Phyllothea indica*, e a Zona de Associação *Glossopteris/Rhodeopteridium*. Por outro lado, a exposição tridimensional dos depósitos do Morro do Papaléo possibilita o entendimento do significado tafonômico e do posicionamento estratigráfico das fitozonas, o que permite estabelecer, com certo grau de confiança, a reconstituição dessas paleocomunidades vegetais de idade Eopermiana (Sakmariano-Artinskiano). Estas razões fizeram com que esta exposição tenha sido escolhida para a realização de um detalhado estudo faciológico/estratigráfico e paleoecológico. Os resultados obtidos até o momento permitem avaliar: a) a presença de novos táxons que podem ser considerados como fósseis-guia, seja para a caracterização das biozonas conhecidas, seja para o estabelecimento de correlações com depósitos de outras porções mais ao norte da bacia; b) a proposta de novas amplitudes estratigráficas para a Subzona *P. indica* e para alguns dos táxons previamente citados no zoneamento; c) o estabelecimento do paleoambiente de preservação dos vegetais e dos tipos de comunidades registradas na seção (autóctones *versus* alóctones); d) o estabelecimento dos habitats de alguns táxons preservados nas comunidades autóctones; e) inferências paleoclimáticas a partir de evidências encontradas tanto no registro paleobotânico como no paleoambiental. [*Pesquisador CNPq, **Bolsistas CNPq, ***Bolsistas PIBIC/CNPq/UFRGS e IC/CNP]

SUCESSÃO MACRO E MICROFLORÍSTICA DO PERMIANO INFERIOR NO SUL DA BACIA DO PARANÁ: IMPLICAÇÕES NAS INTERPRETAÇÕES PALEOCLIMÁTICAS

ROBERTO IANNUZZI*, PAULO ALVES DE SOUZA* & MICHAEL HOLZ*

Centro de Investigação do Gondwana (CIGO), IG-UFRGS, RS, roberto.iannuzzi@ufrgs.br, paulo.alves.souza@ufrgs.br,
michael.holz@ufrgs.br

As unidades do Permiano Inferior da Bacia do Paraná do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (topo do Subgrupo Itararé, formações Rio Bonito e Palermo) foram geradas em distintos ambientes pro e pós-glacial (glácio-marinho, flúvio-deltáico, marinho raso). O esquema estratigráfico determinado para o intervalo analisado mostra que há três seqüências de terceira ordem que representam importantes mudanças regionais nos níveis de base. Em termos bioestratigráficos, duas palinozonas e duas fitozonas caracterizam este intervalo, em ordem ascendente, são elas: Zonas de Intervalo *Vittatina costabilis* e *Lueckisporites virkkiae*; Zonas de Associação *Botrychiopsis plantiana* e *Glossopteris / Rhodeopteridium*. Nesta contribuição são integrados o arcabouço estratigráfico e o bioestratigráfico,

baseados, principalmente, em dados obtidos em seções e poços do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, estabelecendo-se assim uma correlação entre as seqüências estratigráficas e as palinozonas e fitozonas. Em relação às interpretações paleoclimáticas, as mudanças registradas nas palinozonas mostraram-se, aparentemente, mais relacionadas às mudanças climáticas, uma vez que refletem mudanças florísticas em escala regional. Além disso, as alterações mais significativas verificadas nas palinozonas ocorrem em níveis levemente abaixo dos eventos de máxima inundação registrados para a bacia, os quais podem corresponder, em teoria, aos intervalos de aquecimento global que se seguiram aos de resfriamento, conforme indicam a sucessão de faunas marinhas permianas da Austrália e as curva de variação global de concentração de CO₂. Por outro lado, a sucessão das associações megaflorísticas parece corresponder às distintas fácies encontradas nos sítios deposicionais do intervalo analisado. Portanto, as associações megaflorísticas parecem refletir distintas ecofacies, devendo ser assim utilizadas de modo mais restrito em inferências paleoclimáticas, uma vez que refletem fatores locais, mais do que regionais. [*Pesquisador CNPq]

OCORRÊNCIA DE ESPÍCULAS DE PORÍFERAS NO INTERVALO SUPERIOR DA FORMAÇÃO RIO DO SUL (PERMIANO) DO GRUPO ITARARÉ, NO MUNICÍPIO DE ITAIÓPOLIS/SC

ALEXANDRE C. BREMEM & LUIZ C. WEINSCHÜTZ

Centro Paleontológico de Mafra – CENPÁLEO, Universidade do Contestado, *Campus Mafra, SC, cenpaleo@mfa.unc.br*

A paleofauna do Grupo Itararé é ainda pouco estudada, este trabalho vem contribuir com novos dados paleontológicos para esta grande unidade mostrando os resultados obtidos através de estudos preliminares de uma nova ocorrência de poríferas na localidade denominada 21 no município de Itaiópolis/SC. Trata-se da ocorrência de espículas de esponjas silicosas, pertencentes possivelmente à classe Hexactinellida em estratos de ritmitos do topo da Formação Rio do Sul (Permiano). Estes animais são característicos de ambientes marinhos, existente desde o Cambriano até o recente. Embora outros trabalhos relatam fósseis semelhantes em unidades estratigráficas medianas do Grupo Itararé (Formação Mafra e base da Formação Rio do Sul), essa descoberta refere-se a descrição deste grupo de fósseis na porção superior do Grupo Itararé. No afloramento em questão esta ocorrência fossilífera está restrita a um nível com espessura aproximada de 10 cm, constituindo um estrato de ritmito (turbidito, Tce), demonstrando possível transporte destas espículas de ambientes de águas relativamente mais rasas para águas relativamente mais profundas. Não foi possível uma melhor classificação dos exemplares estudados, pelo fato de não ser encontrado espículas interligadas formando redes, onde seria possível observar a estrutura esquelética e o grau de fusão do esqueleto que são critérios fundamentais usados na classificação desse tipo fóssil. As amostras estudadas estão depositadas e catalogadas no acervo do Cenpáleo, UnC, Mafra.

OS EQUINÓIDES (ECHINODERMATA: ECHINOIDEA) DA LOCALIDADE CATETE VELHO 1 (CRETÁCEO, ALBIANO) DE SERGIPE: RESULTADOS PRELIMINARES

ANA CAROLINA COSTA LEMOS*

UFS, Itabaiana, SE, *acclc@hotmail.com*

CYNTHIA LARA DE CASTRO MANSO**

Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE; UFS, Itabaiana, SE, *cynthia@phoenix.org.br*

Os equinóides são equinodermas cujos registros remontam ao período Ordoviciano. Seus representantes apresentam simetria radial ou bilateral secundária e, devido ao encaixe perfeito de suas placas e pela resistência de sua carapaça, têm sido encontrados com frequência bem preservados no registro fóssil. Estes organismos apresentam ainda uma ampla distribuição geológica, não sendo assim muito propícios para estudos estratigráficos. Por outro lado a boa preservação de suas carapaças e o hábito bentônico faz com que sejam empregados com sucesso em estudos paleoambientais. Os espécimes utilizados no presente estudo foram cedidos pela Fundação Paleontológica Phoenix. Estes foram coletados na localidade denominada Catete Velho 1, no Membro Maruim da Formação Riachuelo (Albiano médio-Zona do amonóide *Oxytropidoceras*) no município de Rosário do Catete (UTM 8.817.850N/713.550E), Sergipe. As rochas aflorantes nesta localidade são representadas por calcarenitos oncolítico/oolíticos, bioclásticos, com abundância de equinóides da espécie *Orthopsis miliaris*, além de grandes moluscos bivalves do gênero *Plagiostoma*, bem como exemplares menores do gênero *Neithea*. Outros equinóides encontrados nesta localidade foram identificados como *Temnocidaris (Stereocidaris) malheiroi*, *Leptosalenia sergipensis*,

Phymossoma binexilis e *Coenholectypus neocomiensis* [Manso, C.L.C. 2003. *Paleoecologia, Paleobiogeografia e Sistemática dos Equinóides do Aptiano-Albiano (Cretáceo) do Brasil*, UFBA, Tese de doutorado, 206 pp.]. Devido ao expressivo número de exemplares de *Orthopsis miliaris* obtido, esta espécie foi escolhida para estudo sob o ponto de vista morfológico e biológico, com análise das medidas de diâmetro e altura das carapaças e abertura ou não dos gonoporos, para verificação da maturidade sexual dos indivíduos. O bom estado de preservação destas carapaças nos permitirá ainda, depois de terminada a limpeza das carapaças, a observação da existência de parasitas, como por exemplo, poliquetas perfurantes. O formato destes indivíduos assim como dos demais equinóides relatados para este afloramento se tornarão a base para a caracterização do paleoambiente onde estes animais viveram durante o período Albiano na bacia de Sergipe. [*Bolsista PIBIC/CNPq,**Pesquisador PAIRD, 2007]

O REGISTRO DO GÊNERO *MICRASTER* L. AGASSIZ, 1936 (ECHINODERMATA - ECHINOIDEA - SPATANGOIDA) PARA O TURONIANO DA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS

CYNTHIA LARA DE CASTRO MANSO*

Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE; UFS, Itabaiana, SE, cynthia@phoenix.org.br

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, wagner@phoenix.org.br

O gênero *Micraster* L. Agassiz, 1936, assinalado anteriormente para o Eoalbiano da Formação Riachuelo na bacia de Sergipe [Manso, C.L.C. 2003. *Paleoecologia, Paleobiogeografia e Sistemática dos Equinóides do Aptiano-Albiano (Cretáceo) do Brasil*, UFBA, Tese de doutorado, 206 pp.], tem ampliada a sua distribuição estratigráfica nesta mesma bacia, sendo agora assinalado para a Formação Cotinguiba, localidade Jardim 29, de idade turoniana, no Município de Japarutuba. O presente exemplar é caracterizado por sua carapaça cordiforme com 25,0mm de comprimento, 27,9mm de largura e 21,0mm de altura, coberta por tubérculos primários de tamanhos aproximadamente iguais, e secundários menores. Possui ortofascíolo peripetálico e subanal. Apresenta os pares de pétalas anteriores e posteriores em sulcos e abertos, aproximadamente do mesmo tamanho, e com os pares de poros das duas séries em fendas muito curtas. O ambulacro III é curto e está situado em um sulco que se comunica com o peristoma. Este ambulacro é formado por pares de poros não conjugados, arredondados, separados por uma divisão interporífera representada por um tubérculo. Sistema apical parcialmente destruído, com indicações de que este teria sido etmolítico. Pares de poros subanaís presentes e típicos daqueles indivíduos construtores de um funil anal. Desta forma pela presença de ortofascíolos e poros anaís, esta espécie muito provavelmente teria vivido enterrada em certa profundidade em sedimentos finos. A fauna de equinodermas do Turoniano de Sergipe conhecida até o momento tem sido dominada pela presença maciça do gênero *Mecaster* Pomel, 1883, com as espécies *M. batnensis* e *M. founeli*. A descoberta de *Micraster* no Turoniano da Formação Cotinguiba reforça a existência de ambientes com sedimentação predominantemente fina sobre a plataforma, resultante de uma maior profundidade do mar de Sergipe durante este período. [*Pesquisador PAIRD/2007]

ESTUDO HISTOLÓGICO DE ESCAMAS DE PEIXES PALEONISCÍDEOS DA FORMAÇÃO IRATI (PERMIANO SUPERIOR) DA BACIA DO PARANÁ, BRASIL

MARCUS VINICIUS URBINATTI CANHETE

Museu de Ciências Naturais, SCB/UFPR, PR, urbinatti@gmail.com

ELISEU VIEIRA DIAS

Depto. de Geologia, SCT/UFPR, PR; Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde UNICENP, PR, diaseliseu@yahoo.com.br

CRISTINA VEGA-DIAS

Depto. de Geologia, SCT/UFPR, PR, vegadias@ufpr.br

A paleoictiofauna permiana da Bacia do Paraná é pouco conhecida, devido, principalmente, à raridade de exemplares completos, especialmente na Formação Irati. Recentemente foram divulgados exemplares fósseis para esta formação, coletados na mina do folhelho piro-betuminoso Petrobrax-Six, no município de São Mateus do Sul/PR [Dias, E.V. et al. 2006. *Ciência e Natura* edição especial: p.19]. O material apresenta alto grau de preservação, no entanto não possui espécimes completos, especialmente partes cranianas, para identificação taxonômica macroscópica. O material é composto por escamas desarticuladas e algumas porções mais completas, inclusive com nadadeiras preservadas. As escamas foram incluídas em resina, confeccionando-se lâminas delgadas,

que foram observadas em microscópio petrográfico. O material está bem preservado no que diz respeito à sua estrutura histológica, sendo possível observar três camadas distintas: a) uma mais externa, o esmalte do tipo ganoína, com clara estratificação, apresentando diversos poros que interligavam as camadas mais profundas da escama com a epiderme do peixe quando em vida; b) uma camada mediana, a dentina, com visíveis odontodes e espaços que antes eram ocupados pelos odontócitos, além dos túbulos de dentina que foram deixados por estas células; e c) uma camada mais interna, a isopedina, que corresponde ao osso lamelar, sendo observadas linhas de crescimento e espaços que eram ocupados pelos osteócitos em vida, ou seja, osteoplastos. Neste material também foram preservados resquícios do tecido de crescimento da escama. A histologia, bem como as estruturas do tipo *peg-and-socket* observadas, permitiram atribuir este material a peixes paleoniscídeos. O arranjo histológico foi comparado com outros trabalhos realizados para a Bacia do Paraná [Richter, M. *et al.*, 1985. VIII CONGR. BRAS. PALEO: 111 – 121] e apresenta algumas diferenças, como a disposição desigual da camada de dentina ao longo da escama. Isto permite inferir que este material pode pertencer a um táxon ainda não relatado na literatura. Novos trabalhos de campo permitirão a coleta de materiais mais completos para reforçar os dados obtidos pela histologia.

OPHIOAPODIFORMES (DIBAMIDAE, SERPENTES E AMPHISBAENIOS) UMA PROPOSTA DE UM NOVO CLADO DENTRO DE SQUAMATA

FRANCISCO DE CASTRO BONFIM-JÚNIOR

Depto. de Sedimentologia, IGEO, UFBA; Museu de Zoologia, IBIO/UESC – DCB, BA, franjunior@gmail.com

A descoberta na última década, de novos fósseis de “lagartos basais” no Brasil e no México, tais como *Tijubina ponteii* e *Huehuecuetzpalli mixtetus* proporcionaram um melhor entendimento das relações filogenéticas deste grupo. Discute-se, neste trabalho, uma nova abordagem de nomenclatura para Squamata. A família Dibamidae até então, por ausência de fósseis e características fenotípicas “ambíguas”, não se enquadrava satisfatoriamente em um grupo de lagartos e/ou serpentes, ou seja, apresenta crânio de lagarto e pós-crânio de amphisbaenios. Por sua vez a subordem Serpentes sempre estava relacionada aos varanídeos, distante dos amphisbaenios. Neste trabalho propõe-se a reunião deste problemático grupo em um novo clado, denominado Ophioapodiformes em substituição ao termo subordem Serpentes. A hipótese mais parcimoniosa sugere que *Tijubina ponteii* é o táxon irmão mais próximo do “crown group” Squamata (*sensu* Reynoso, 1998. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, B, 353: 477-500) e *Huehuecuetzpalli mixtetus* é o irmão deste clado, o ramo mais basal dentro de Squamata. Os dois grupos principais squamatas são: Iguania + Scleroglossa. E o último compreende dois cladogramas: (1) uma versão modificada de Scincomorpha (*sensu* Estes *et al.* 1988. *Phylogenetic Relationships of the Lizards Families*, Stanford, 119-281) que inclui ((Lacertidae (Gymnophthalmidae, Teiidae) + (Xantusidae (Cordilydae (Scincidae (Tepejosisaurus, Paramacellodus))); e (2) o clado (Anguillidae, Xenosauridae) é o irmão de um clado formado pelo convencional Varanoidea (Helodermatidae (*Varanus*, *Lanthanotus*) e (Geckkonidae (Pygopodidae, (Serpentes (Dibamidae, Amphisbaenia)))) (*sensu* Bonfim & Avilla, 2002. *Anuário do Instituto de Geociências*, 29(2):54-65).

A COLEÇÃO DE FÓSSEIS DA MEGAFUNA PLEISTOCÊNICA DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, SENHOR DO BONFIM, BAHIA

MÁRCIA CRISTINA TELES XAVIER

Laboratório de Arqueologia e Paleontologia, UNEB, Senhor do Bonfim, BA, mxaviv@yahoo.com.br

MÁRIO ANDRÉ TRINDADE DANTAS

Centro da Terra, Grupo Espeleológico de Sergipe, Aracaju, SE, matdantas@yahoo.com.br

CRISTIANA CERQUEIRA DA SILVA SANTANA

Laboratório de Arqueologia e Paleontologia, UNEB, Senhor do Bonfim, BA, ccsilva@uneb.br

A ocorrência da megafauna pleistocênica no Brasil é registrada desde o século XIX, em quase todos os estados do Brasil. Na Bahia, entre 1817 e 1820 Johann Baptiste von Spix e Carl von Martius relataram achados fósseis na microrregião de Senhor do Bonfim, no Povoado de Barriga Mole, município de Andorinha, mas é somente a partir da década de 1980 que a microrregião passa a figurar na bibliografia paleontológica nacional e mundial com maior intensidade, graças, principalmente, aos trabalhos de Castor Cartelle (PUC-MG) e seus colaboradores. A microrregião de Senhor do Bonfim é extremamente rica em fósseis de mamíferos do Pleistoceno, no entanto, esses

fósseis compõem coleções em outros estados, sendo a coleção didática de mamíferos fósseis do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade do Estado da Bahia – Campus VII, a única na microregião de Senhor do Bonfim. Esta coleção contempla fósseis coletados em tanques e em cavernas em seis municípios: Senhor do Bonfim, Campo Formoso, Jaguarari, Itiúba, Filadélfia e Andorinha. A coleção foi criada com o intuito de apoiar atividades educativas formais e não-formais, no entanto, a sua utilização era deficiente em decorrência da falta de identificação das espécies fósseis. O presente trabalho teve como objetivos ampliar os elementos faunísticos para a coleção didática através de novas coletas, bem como classificar taxonomicamente os fósseis de mamíferos pleistocênicos, identificando também o grau de conservação e condições gerais dos elementos fósseis da coleção. Durante as análises foram identificadas oito espécies de mamíferos: *Eremotherium laurillardi*, *Glyptodon clavipes*, *Panochthus greslebini*, *Panochthus jaguaribensis*, *Stegomastodon waringi*, *Toxodon platensis* e *Smilodon populator*. Os fósseis encontrados estão predominantemente permineralizados, e em bom estado de conservação. A representatividade da coleção é restrita, não existindo também nenhum animal bem representado, contudo, este se configura um problema a ser sanado com futuros trabalhos a serem realizados pela equipe deste laboratório.

HISTÓRICO SOBRE A OCORRÊNCIA DOS MEGATHERIIDAE (MAMMALIA, XENARTHRA) PARA O ESTADO DO PARANÁ

DAVI DIAS DA SILVA, FERNANDO A. SEDOR & MORGANA DREFAHL
Museu de Ciências Naturais, Setor de Ciências Biológicas, MCN/SCB, UFPR, PR, biomuseu@ufpr.br

Poucas são as ocorrências de Megatheriidae pleistocênicos para o Estado do Paraná e infelizmente a seqüência histórica de seus registros na literatura tem causado dúvidas sobre a origem, datas e destino destes materiais. Objetiva-se aqui esclarecer as confusões acerca da seqüência histórica destes achados no Estado do Paraná. A primeira citação de Megatheriidae foi efetuada por Stawiarski em 1944 e relata um espécime encontrado próximo ao Rio Iguaçu no Município de União da Vitória em 1929, que foi coletado apenas em 1935, e posteriormente depositado no Museu Nacional. Maack em 1947, em sua obra “Breves Notícias sobre a Geologia do Paraná e Santa Catarina” [Maack, R. 1947. *Arq. Inst. Biol. Pesq.* 1(9): 129-176], faz menção sobre dois esqueletos parciais encontrados às margens do Rio Iguaçu no Município de União da Vitória. É provável que um destes exemplares corresponda àquele já relatado por Stawiarski em 1944. O segundo esqueleto citado por Maack foi depositado no antigo Museu Paranaense, atual Museu de História Natural do Capão da Imbuia, Curitiba, PR. Paula Couto em 1953 [Paula Couto, C. 1953. *Paleontologia Brasileira: Mamíferos*, 516 pp.] determinou o espécime encontrado por Stawiarski como pertencendo a *Megatherium*, segundo o autor este material desintegrou-se por estar substituído por vivianita. Posteriormente em 1975 o mesmo autor atribuiu o espécime *Eremotherium rusconii*. Um terceiro exemplar incompleto de Megatheriidae encontrado no Município de Pinhão foi relatado por Sedor & Born em 1999 [Sedor, F.A. & Born, P.A. 1999. XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE PALEONTOLOGIA, 103-103] Em 2005, um novo exemplar, também incompleto, foi relatado para o Município de Ribeirão Claro. Esses dois últimos espécimes estão depositados na coleção de Paleontologia do MCN-SCB-UFPR. Dos quatro espécimes de Megatheriidae encontrados no Estado do Paraná, apenas os dois últimos encontram-se seguramente depositados em coleções científicas. Apesar de alguns autores contemporâneos sugerirem que *Eremotherium laurillardi* constitui a única espécie pan-americana de preguiça gigante pleistocênica e que a ocorrência de *Megatherium americanum* no Brasil esta restrita ao Estado do Rio Grande do Sul, os espécimes até então encontrados no Paraná não apresentam elementos osteológicos diagnósticos para uma segura determinação a nível genérico.

ESTUDO ICNOLÓGICO E INTERPRETAÇÃO ESTRATIGRÁFICA DE UM AFLORAMENTO DA FORMAÇÃO CALUMBI, CAMPANIANO DA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS, BRASIL

RICARDO MONTEIRO FARIAS
Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, ricardomonteiro@phoenix.org.br
WAGNER SOUZA-LIMA
Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, wagner@phoenix.org.br

A Formação Calumbi representa o último grande evento transgressivo ocorrido na bacia de Sergipe-Alagoas no final do Cretáceo. Registrando um evento eustático global, cujo ápice ocorreu no final do Eocampaniano, sua deposição

estende-se até o Recente. Os ambientes deposicionais preservados nas suas porções proximais, ocupam parte da atual porção emersa da bacia, no Estado de Sergipe, consistindo numa ampla variedade de sistemas costeiros e de plataforma [Souza-Lima, W. 2001. *Macrofaunas campanianas e ambientes deposicionais da Formação Calumbi, bacia de Sergipe-Alagoas, Brasil*. UFRJ, Tese de doutorado, 365 pp.]. Afloramentos desta unidade são, em geral, pequenos, raros e mal preservados. Contudo, um afloramento surgido recentemente permitiu um estudo detalhado da sucessão estratigráfica e dos icnofósseis associados. Os icnofósseis foram caracterizados como estruturas de bioturbação que refletem comportamentos de repouso, locomoção, habitação, alimentação e pastagem. Foram identificados os icnogêneros *Thalassinoides* e *Planolites*, desenvolvidos em barras de desembocadura de sistemas deltaicos ou em níveis arenosos retrabalhados por ondas na plataforma interna. *Ophiomorpha* ocorre esparsamente, estando relacionado às porções mais rasas dos ambientes de plataforma interna e *shoreface* inferior. *Subphyllochora* ocorre associado aos fundos arenosos da plataforma interna, com distribuição esporádica. Neste mesmo contexto plataformal foram descritas formas atribuídas a *Chondrites*. Os icnogêneros *Lockeia* e *Bergaueria*(?), embora raros, ocorrem nos depósitos de plataforma interna e barras frontais/distais dos sistemas deltaicos, ao passo que *Circulichnis*(?) foi interpretado associado às porções mais distais das fácies de prodelta.

UMA NOVA LOCALIDADE COM PEGADAS FÓSSEIS NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL

RAFAEL COSTA DA SILVA* & SANDRO M. SCHEFFLER*

Depto. de Geologia, CCMN, IGEO, UFRJ, Cidade Universitária, RJ, paleoicno@yahoo.com.br, schefflersm@yahoo.com.br

Pegadas fósseis foram registradas anteriormente de forma preliminar no município de Nioaque (MS), mas questões relativas ao seu posicionamento estratigráfico e interpretação icnológica ainda carecem de uma abordagem mais completa. Em um trabalho de campo recente, realizado em setembro de 2007 e conduzido pelos autores, novas informações acerca dessas questões foram obtidas. O afloramento registrado anteriormente, denominado MSNI-01, situa-se às margens do rio Nioaque, a cerca de 2.700 m a jusante da ponte da cidade (saída de Nioaque para Jardim); apresenta 28 pegadas, a maioria delas preservadas sob a forma de estruturas arredondadas com halos concêntricos, formando pistas de andadura bípede com altos ângulos de passo, evidenciando uma postura ereta do animal produtor. Uma das pegadas, atribuída preliminarmente a dinossauros ornitópodes, é digitigrada, mesaxônica, tridáctila, com dígitos de extremidades arredondadas, *hypexes* arredondados, com feições de deformação ao seu redor. O novo afloramento, denominado MSNI-02 (coordenadas S 21° 08' 28,2"; W 55° 50' 13,7"), situa-se a cerca de 200 m a montante do primeiro e apresenta pelo menos 15 pegadas distribuídas de forma caótica em uma área de cerca de 75 m². As pegadas encontram-se preservadas como estruturas arredondadas de cerca de 15 a 25 cm de diâmetro, freqüentemente côncavas, com feições de deformação formando halos concêntricos. Este tipo de preservação é o mesmo das pegadas do afloramento MSNI-01 e corresponde ao corte horizontal, pela erosão, das subpegadas (deformações nas camadas subjacentes) geradas pelo peso do animal produtor. Algumas pegadas ocorrem em blocos soltos onde é possível observar em corte as deformações por carga. As pegadas de ambos os afloramentos ocorrem em diferentes exposições da mesma camada de arenito fino, avermelhado a amarelado, mal selecionado, com grãos pouco arredondados, apresentando esparsos grânulos e seixos milimétricos a centimétricos de arenito, sílex e basalto. A camada apresenta estratificações cruzadas tabulares e provavelmente representa depósitos relacionados a rios entrelaçados formados na borda do deserto Botucatu. Os dois afloramentos correspondem às camadas basais da Formação Botucatu na região. Outros afloramentos a montante desses e situados estratigraficamente acima apresentam rochas mais típicas da Formação Botucatu, com arenitos finos a médios melhor selecionados, estratificações cruzadas com finas laminações, sem clastos e com grãos levemente arredondados. A continuidade desses estudos deverá trazer novas informações sobre a icnocenose e o contexto deposicional. [*Bolsista CNPq]

UM PROVÁVEL NOVO ICNOFÓSSIL PARA A FORMAÇÃO IRATI (PERMIANO INFERIOR) DA BACIA DO PARANÁ

FERNANDO A. SEDOR

Museu de Ciências Naturais, Setor de Ciências Biológicas, MCN/SCB, UFPR, PR, *sedor@ufpr.br*

RAFAEL COSTA DA SILVA

Depto. de Geologia, CCMN/IGEO, UFRJ, Cidade Universitária, RJ, *paleoicno@yahoo.com.br*

MORGANA DREFAHL

Museu de Ciências Naturais, Setor de Ciências Biológicas, MCN/SCB, UFPR, PR, *biomuseu@ufpr.br*

Descreve-se aqui uma singular feição circular relativamente comum em rochas da Formação Irati dos estados de Goiás (Perolândia) e Paraná (Guapirama e São Mateus do Sul) e discute-se a provável origem biogênica dessas estruturas. Os espécimes estudados encontram-se depositados na coleção de Paleontologia do Museu de Ciências Naturais, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná (MCN-SCB-UFPR). Os espécimes ocorrem na interface da superfície dos planos de acamamento nos carbonatos (margas) e siltitos. Correspondem a estruturas circulares a ovaladas com forma de anel em superfície, medindo de 6-16 mm de diâmetro. A borda é espessa e arredondada, com a região central deprimida, côncava. Em primeira análise, o material apresenta semelhanças com o icnogênero *Circulichnis* Vyalov, 1971, e Bergaueria, porém, em secção perpendicular ao plano de acamamento, se apresenta como estruturas côncavas e semi-esféricas, em forma de concha com as bordas em epirrelevo convexo, que representam um acúmulo bem definido de sedimento com constituição diferente da rocha envolvente. Os níveis subjacentes encontram-se levemente deformados por carga e compressão, sugerindo um processo diagenético diferenciado em relação à rocha envolvente. Comumente são encontradas associadas em grande número em um mesmo estrato mas não apresentam padrão regular de distribuição. Em várias amostras do Paraná e de Goiás, tanto de siltitos como carbonatos, estas estruturas ocorrem associadas a níveis milimétricos mais escuros e provavelmente estão relacionados a uma condição ambiental mais disaeróbica e efêmera. Sugere-se aqui uma provável origem biogênica destas estruturas, que poderiam ser geradas por organismos polipóides (Cnidaria) como feições de fixação ou ancoragem ao substrato inconsolidado através da aglutinação com muco. Dentro da seqüência gondwanica permiana, estas estruturas foram encontradas apenas na Formação Irati. A continuidade destes estudos deverá prover novas informações acerca da natureza dos possíveis icnitos e de sua relação com os paleoambientes da Formação Irati. [*Bolsista CNPq]

COMUNICADO DE POSSÍVEL NOVO ICNOFÓSSIL DO INTERVALO MÉDIO DA FORMAÇÃO MAFRA, GRUPO ITARARÉ, PERMOCARBONÍFERO DA BACIA DO PARANÁ

JEFFERSON RODRIGUES DE BASTOS, EVERTON WILNER, ODILEI BACHMANN & LUIZ CARLOS WEINSCHÜTZ
Centro Paleontológico de Mafra, CENPÁLEO, Universidade do Contestado, Campus Mafra, SC, *cenpaleo@mfa.unc.br*

O presente trabalho tem por objetivo comunicar a ocorrência de um possível novo icnofóssil do Grupo Itararé. Trata-se de um único exemplar encontrado em uma pedreira do município de Rio Negro/PR, em sedimentos várvidos do intervalo médio da Formação Mafra. As primeiras observações sugerem ser uma possível marca de “repouso”, as quais são caracterizadas por escavações na superfície do substrato, que refletem a morfologia ventral do organismo. Embora haja uma marca relevante na amostra, outras marcas incipientes indicam possível movimentação de um organismo necto-bentônico ou epibentônico. O exemplar apresenta forma semelhante a um “X”, medindo na extensão maior 20 mm e 6mm na extensão menor, é formada por sulcos cônicos aprofundando-se e alargando-se do centro para as extremidades, com várias pontuações no interior de cada sulco, linhas transversais são visíveis indicando provável segmentação do organismo. No mesmo nível estratigráfico são encontrados icnofósseis de locomoção do tipo *Diplichnites isp.* (Dawson, 1873). Vale ressaltar que esta marca, mesmo sendo caracterizada por uma depressão, está restrita a porção lamítica do varvito. A continuidade dos estudos principalmente o aprofundamento bibliográfico poderá confirmar ou não a exclusividade do exemplar, bem como trazer novas informações sobre a natureza do organismo. A amostra coletada apresenta-se depositada e catalogada no acervo do CENPÁLEO, UnC, Mafra.

TRILHA ATRIBUÍDA À *BRASILICHNIUM ELUSIVUM* LEONARDI 1981, NO CAMPUS DO UNICEMP

MARCEL BAETA LACERDA & ELISEU VIEIRA DIAS

Depto. de Geologia SCT/UFPR; Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde, UNICENP, PR, lacerda_paleo@yahoo.com.br
diaseliseu@yahoo.com.br

No Centro Universitário Positivo – UNICENP, alguns dos prédios do câmpus apresentam paredes revestidas com lajes decorativas tanto interna quanto externamente. Estas lajes são de arenito que apresenta tons que variam do vermelho alaranjado até um marrom escuro. Algumas lajes apresentam marcas onduladas que são produzidas em ambientes de ação eólica. Com estas informações seguidas de estudos em outros materiais e na literatura, foi constatado que a origem das lajes é da Formação Botucatu, de idade Neojurássica – Eocretácea, depositada na Bacia do Paraná. Um levantamento geral das lajes no campus resultou na descoberta de alguns icnofósseis como trilhas, pistas, pegadas de vertebrados e perfurações atribuídas a invertebrados. Dentre estes materiais, foi escolhida uma peça, que apresenta boa preservação, contendo uma trilha de 13 pegadas produzidas por um pequeno vertebrado. O estudo revelou que estão preservadas apenas as pegadas dos membros posteriores, com nenhuma evidência das pegadas dos membros anteriores. Estas pegadas estão em epi-relevo côncavo e não apresentam a marca semi-lunar de deslocamento do sedimento que é causado pela pressão da pisada do animal ao substrato. Em alguns casos a pegada esta bem preservada e apresenta a forma do pé e dos dígitos, enquanto em outros apenas está presente à marca de garras no sedimento. As pegadas são de conformação tetradáctila, visto que o dígito I está sempre ausente e não há evidência de marca de arraste de cauda. Com base nestes dados e de informações encontradas na literatura, dói possível atribuir a icnoespécie *Brasilichnium elusivum* Leonardi, 1981, sendo o provável autor da trilha um mamífero do final do Período Jurrássico e início do Período Cretáceo.

DESCRIÇÃO PRELIMINAR DE NOVOS PADRÕES DE CONCENTRAÇÃO DOS LINGULÍDEOS DEVONIANOS DA FORMAÇÃO PONTA GROSSA (BACIA DO PARANÁ) – PR, BRASIL

CAROLINA ZABINI*

PPGGEO/UFRGS, RS, cazabini@gmail.com

ELVIO PINTO BOSETTI

Depto. de Geociências, UEPG, PR, epbosetti@terra.com.br

MICHAEL HOLZ

Depto. de Paleontologia e Estratigrafia, IG/UFRGS, RS, michael.holz@ufrgs.br

As obras da rodovia Transbrasiliana (BR-153) na região de Tibagi – PR têm oportunizado a pesquisa de grande quantidade de material fóssil em rochas que ainda não sofreram a ação do intemperismo. Devido ao porte do maquinário que movimentou a superfície do local, boa parte do material coletado é composto por placas de siltitos e folhelhos de grandes dimensões o que facilita a visualização em planta baixa das tafocenoses. Dentre as amostras coletadas foram identificados padrões de arranjo espacial de valvas de lingulídeos que nunca haviam sido anteriormente descritos como objetos de classificação. Os padrões de ocorrência dos indivíduos deste grupo na região são: paralelos ao plano de acamamento, perpendiculares ao plano de acamamento e em posição oblíqua. As valvas paralelas podem representar a morte natural do animal que sai de seu *terrier* ao perder seu pedículo, permanecendo na interface sedimento/água, ou ainda pode representar a exumação do animal de seu *terrier* após movimentação do substrato por algum evento sedimentar episódico. As valvas perpendiculares ao plano indicam que o animal morreu em posição de vida; já as valvas em posição oblíqua podem indicar posição de escape do próprio animal em função de depósito de sufocamento, ou ainda a posição pode ser o fruto de atividade biogênica intraestratal que moveria a valva originalmente em posição de vida. Além disso, as valvas apresentam-se inteiras ou na forma de fragmentos quando posicionadas plano-paralelamente. Os novos achados representam tafocenoses com valvas paralelas ao plano de acamamento e podem ser classificadas em dois grupos: valvas em arranjo caótico, sem uma aparente orientação preferencial e em disposição circular e valvas em arranjo linear com orientação bidirecional. As concentrações possuem posição estratigráfica definida na superfície de inundação máxima (SIM) da seqüência B do arcabouço de Bergamaschi [Bergamaschi, S., 1999. Tese de Doutorado, USP], e, de forma conjunta, seus arranjos sugerem uma fraca movimentação de fundo, formados devido ao movimento orbital de ondas. [*Bolsista CNPq]

ANÁLISE DA FOSSILDIAGÊNESE DE LINGULÍDEOS DEVONIANOS DA FORMAÇÃO PONTA GROSSA (BACIA DO PARANÁ, BRASIL) POR ESPECTROSCOPIA DE ENERGIA DISPERSIVA (EDS)

CAROLINA ZABINI*

PPGGEO//UFRGS, RS, cazabini@gmail.com

MICHAEL HOLZ

Depto. de Paleontologia e Estratigrafia, IG/UFRGS, RS, michael.holz@ufrgs.br

ELVIO PINTO BOSETTI

Depto. de Geociências, UEPG, PR, elvio.bosetti@pesquisador.cnpq.br

Fósseis de lingulídeos são encontrados em grandes quantidades nos afloramentos devonianos da região dos Campos Gerais - PR, Brasil. Aspecto bastante difundido relativo ao gênero *Lingula* é o seu tipo de fossilização, comumente citado como sendo do tipo incarbonização. O presente trabalho foi realizado através de análise em microscópio eletrônico de varredura com EDS - Espectroscopia de Energia Dispersiva. O objetivo central foi identificar a composição química de valvas de lingulídeos com diferentes modos de fossilização e os testes foram realizados utilizando-se de duas análises para cada amostra: uma da valva e outra da rocha encaixante. Os elementos e compostos que ocorrem com teores significativos foram carbono, sílica, nitrogênio, oxigênio, magnésio, fósforo, alumínio, potássio, enxofre, flúor, cálcio, titânio, érbio e ferro. O elemento carbono ocorreu em quatro análises de rochas (amostras 02, 03, 04 e 08) e somente em três de fósseis (amostras 03, 05 e 06); sendo que foi nos fósseis que o elemento apareceu em maior quantidade. A sílica está presente em grande quantidade em todas as amostras, provavelmente por tratar-se de material oriundo de plataforma marinha siliciclástica. Os elementos nitrogênio e oxigênio se fizeram presentes por serem componentes do ar mesmo com as amostras submetidas ao vácuo. Os elementos magnésio, fósforo, alumínio, potássio, enxofre, flúor e cálcio podem ser considerados como componentes dos minerais formadores da rocha, estando presentes em intensidades suficientemente altas para que apareçam nas análises também dos fósseis. Titânio e érbio são elementos raros na análise, e sua aparição não tem, ainda, uma explicação plausível. O elemento ferro aparece em grande parte das amostras, estando ausente nas análises das rochas 02, 06 e 08. Nas rochas 01, 03 e 04 o ferro aparece em intensidades muito semelhantes as dos seus respectivos fósseis (amostras 01, 03 e 04). Já nas amostras 05, 06 e 08 a intensidade de ferro nas rochas é menor que a ocorrente nos fósseis. Considerando-se os resultados obtidos é possível dizer que a incarbonização, não é a única forma de fossilização dos lingulídeos, e que a substituição por minerais com ferro também ocorre. O próximo passo da pesquisa será investigar se a distribuição dos compostos e elementos analisados tem controle estratigráfico e faciológico, ou se a diagênese e os tipos de fossilização ocorreram independente do posicionamento dos fósseis dentro do arcabouço estratigráfico. [*Bolsista CNPq]

DESCRIÇÃO DA BASE DA NOVA SEÇÃO COLUNAR TIBAGI-ALTO DO AMPARO, FORMAÇÃO PONTA GROSSA, BACIA DO PARANÁ, BRASIL – IMPLICAÇÕES SEDIMENTOLÓGICAS, ESTRATIGRÁFICAS E TAFONÔMICAS

ELVIO PINTO BOSETTI

Depto. de Geociências, UEPG, PR, elvio.bosetti@pesquisador.cnpq.br

LUIZ CARLOS GODOY

Depto. de Geociências, UEPG, PR, luizczgodoy@brturbo.com.br

CAROLINA ZABINI*

PPGGeo/UFRGS, RS, cazabini@gmail.com

RODRIGO SCALISE HORODYSKI**

PPGGeo/UFRGS, RS, rodrigo.geo@gmail.com

Trata-se de um pacote com 19 m de espessura cuja base insere-se a 49 m da seqüência B (em relação à Formação Furnas, subjacente) do arcabouço de Bergamaschi [Bergamaschi, S., 1999. Tese de Doutorado, USP], localizado na interseção entre as rodovias BR 153 e PR 34, próximo à cidade de Tibagi, PR. A base e a porção média são constituídas por folhelho siltico e siltito fino cinza-claro a cinza-escuro. Lentes centimétricas de arenito fino a médio ocorrem na porção média e em direção ao topo ocorrem várias camadas também centimétricas de arenito fino a médio apresentando estratificação cruzada do tipo *hummocky* (HCS); nesta fácies são freqüentes as ocorrências de finas crostas endurecidas e descontínuas. O topo é representado pela superfície de inundação máxima da seqüência B, é composto por folhelho preto siltico, micáceo, com muitas concreções e níveis piritosos. O perfil representa a passagem do ambiente de *shoreface* inferior no intervalo de base até 13 m para o ambiente de *offshore* nos 6 últimos metros do intervalo de topo, caracterizando um trato de sistemas transgressivo (TST). Apesar do conteúdo

paleontológico do perfil ser composto por lingulídeos, moluscos bivalves, orbiculóides e tentaculídeos e subordinadamente *Australospirifer* e *Australocoelia*, para a análise tafonômica básica foram utilizados apenas os lingulídeos devido sua marcante presença dentre os demais bioclastos. A grande maioria das valvas (~90%) apresentou-se concordante ao plano de acamamento, na forma de fragmentos ou como valvas inteiras, desarticuladas. Pequeno número de valvas (~5%) ocorreu perpendicular ao plano de acamamento. Eventos de tempestade perturbaram os sedimentos da base e porção média da seção e foram provavelmente, os responsáveis pela morte e ou soterramento final dos poucos lingulídeos em aparente posição de vida, pelos fragmentos e pela exumação de valvas colocando-as em paralelo ao acamamento. São observados ainda, arranjos bimodais de valvas em acordo com o acamamento, supostamente relacionados ao movimento orbital de ondas. No topo, a ocorrência muito reduzida de fósseis, as valvas e fragmentos de lingulídeos, em acordo com o plano de acamamento sugerem condições de para-autoctonia. [*Bolsista CNPq, **Pesquisador do Grupo Palaios]

DESCRICÃO PRELIMINAR DE NOVA SEÇÃO ESTRATIGRÁFICA DE SUPERFÍCIE DA FORMAÇÃO PONTA GROSSA (DEVONIANO) NA REGIÃO DE TIBAGI, ESTADO DO PARANÁ, BRASIL: SEÇÃO COLUNAR TIBAGI – ALTO DO AMPARO

ELVIO PINTO BOSETTI

Depto. de Geociências, UEPG, PR, elvio.bosetti@pesquisador.cnpq.br

CAROLINA ZABINI*

PPGGEO/UFRGS, RS, cazabini@gmail.com

LUIZ CARLOS GODOY

Depto. de Geociências, UEPG, PR, luizcgodoy@brturbo.com.br

RODRIGO SCALISE HORODYSKI**

PPGGEO/UFRGS, RS, rodrigo.geo@gmail.com

A recente reabertura do leito da Rodovia BR-153 na região de Tibagi (PR) expôs novos sítios paleontológicos da Formação Ponta Grossa. O empilhamento dos afloramentos foi possível devido à localidade da base da nova seção constar do arcabouço estratigráfico de seqüências de Bergamaschi [Bergamaschi, S., 1999. Tese de Doutorado, USP]. A seção inicia aos 49 m do arcabouço em relação à seqüência A (Formação Furnas) e situa-se entre as seqüências B e D (Formação Ponta Grossa), terminando em aproximadamente 150 m (início da seqüência D). A base da é representada pelos estratos superiores da seqüência B inclusa sua superfície de inundação máxima (SIM) e é composta litologicamente por uma sucessão de folhelhos, siltitos e finas camadas de arenito, com a predominância de siltitos cinza-médios a pretos, em geral bioturbados. De forma intercalada ocorrem arenitos muito finos com estratificação cruzada *hummocky*, e folhelhos pretos laminados. O conjunto é fossilífero com predominância de lingulídeos e moluscos bivalves. O ambiente inferido é o de *shoreface* inferior a *offshore*. Acima a seção é representada por siltito grosso, maciço, intensamente bioturbado, apresentando notáveis icnofósseis e *clusters* de *Australospirifer* bem preservados. Esta feição é intercalada pela mesma associação faciológica da base, porém com a ocorrência de estratos areníticos finos a médios mais espessos, podendo chegar a 3 m. Esse ciclo é interrompido por uma brusca mudança litológica representada por folhelhos cinza-escuros intercalados por níveis centimétricos de arenito fino com intensa estratificação cruzada *hummocky*, icnofósseis e grande quantidade de peças desarticuladas de trilobitas calmoniídeos, sobreposto encontram-se folhelhos pretos, finamente laminados. Este conjunto faciológico representa a SIM da seqüência C, o conteúdo paleontológico volta a ser representado pela abundância significativa de lingulídeos e moluscos bivalves. Sobre esta fácies um pacote de siltito intemperizado parece indicar a base da seqüência D, mas a exposição da rocha é precária. O ambiente inferido para o topo da seção, preliminarmente, é o de *shoreface* superior passando bruscamente para *offshore*. Novos dados sobre o topo da seção ainda estão sendo compilados em acompanhamento às obras. [Bolsista CNPq, **Pesquisador do Grupo Palaios]

DO MAR PROTEROZÓICO DA SERRA DE ITABAIANA AO MAR MIOCENO DE TABOCAS - O LITORAL DE SERGIPE AO LONGO DO TEMPO

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, wagner@phoenix.org.br

O conhecimento adquirido nem sempre é proporcional à taxa em que surgem outras dúvidas e questões sem resposta. Ou seja, quanto mais conhecemos algo, mais dúvidas surgem, para serem resolvidas. E a história geológica de Sergipe é um bom exemplo disso. Entender a história da região é como buscar o início de um novo, com a diferença de que esse novo tem muitas pontas. Pelo menos uma posição onde estas diversas pontas acabaram convergindo são os eventos que se seguiram à fragmentação do supercontinente de Rodínia, há cerca de 1100Ma. Este evento gerou diversos blocos continentais que se rearranjarão. Há cerca de 600Ma, dois desses fragmentos colidiram na orogénia Pan Africana-Brasiliana: os crátons Congo-São Francisco e Oeste Africano. Mares foram fechados; a crosta foi empurrada e dobrada, e uma cadeia montanhosa surgiu. E dessa colisão consolidou-se o embasamento da bacia de Sergipe-Alagoas, preservando, contudo, fragmentos da sua história como um quebra-cabeça de muitas peças, com diversas cicatrizes, ainda hoje visíveis. Por aqui se implantaram feições tão díspares como geleiras, desertos e florestas de coníferas. Por fim, tudo o que estava aparentemente organizado como um grande continente, o Gondwana, desestabilizou-se. E o Gondwana começou a romper-se. Surgiram lagos, extensos e estreitos, alguns profundos. E, por fim, um mar: o Oceano Atlântico. Porém nem mesmo a história deste oceano seria previsível. De onde viria? Até onde ele chegou? Será que temos como responder mais estas perguntas?

INTRODUÇÃO AO SERGIPE SUBTERRÂNEO

ELINE ALVES DE SOUZA BARRETO

Centro da Terra, Grupo Espeleológico de Sergipe, Aracaju, SE, eline_ufs@yahoo.com.br

Sabe-se muito pouco sobre as cavernas sergipanas. O desconhecimento da existência destas cavidades naturais em Sergipe acontece tanto no meio acadêmico, como no público em geral. Não é por acaso que existe pouca difusão científica, uma vez que, quando realizada uma busca histórica do conhecimento sobre estas cavidades, é observada a existência de informações vagas, que geralmente abarcam descrições resumidas de grupos que não estavam ligados diretamente ao estudo de cavernas. Foi somente a partir da década de 90 que os estudos direcionados às cavernas sergipanas tiveram um desenvolvimento visível. Este acontecimento foi possível quando alguns grupos de excursionistas e acadêmicos dedicaram-se a colher preciosas informações sobre este mundo sergipano, até então desconhecido. A partir deste momento, tiveram início publicações, que circundavam o mundo acadêmico, demonstrando um campo de estudo a ser difundido em Sergipe. Foi através da geração destas informações, colhidas através de algumas pesquisas, que se pode obter dados muito interessantes sobre as cavernas. Dentre estas pesquisas é importante mencionar os achados paleontológicos na Toca da Raposa, em Laranjeiras, e no Abismo de Simão Dias e na Furna da Raposa, em Simão Dias. Quanto à fauna presente nestas cavidades foi possível identificar uma ampla diversidade biológica, a exemplo dos morcegos, dos invertebrados e de caranguejos, encontrados na caverna de Pedra Branca, no município de Maruim. Associadas a estas descobertas estão as próprias estruturas do endocarste que se diferenciam das encontradas nos demais estados brasileiros. Dentre as principais características, pode-se citar os tamanhos reduzidos destas cavidades naturais. Além disso, foi possível averiguar que há uma diferenciação regional das cavernas de Sergipe - esta observação é muito importante tanto na análise biológica e paleontológica, como também na análise paleoclimática em Sergipe. De modo geral, é possível observar que a pesquisa sobre o carste sergipano é muito relevante, quando admite-se que existem muitos aspectos ainda a serem pesquisados, que serão importantes tanto para a difusão deste conhecimento, quanto para a conservação destas cavidades.

VEJA MAIS FOTOS DOS 50 ANOS DE SBP



Irajá Damiani Pinto faz discurso durante o coquetel dos 50 anos da SBP, em Porto Alegre, RS.



Sônia Bender Kotzian, Simone Baecker Fauth e Zoah Valadão Thiesen, durante o coquetel de 50 anos da SBP, em Porto Alegre, RS.



Gerson Fauth (centro) e a turma da UNISINOS, durante a comemoração dos 50 anos da SBP, em São Leopoldo, RS.

PAGAMENTO DAS ANUIDADES

Somente com o pagamento em dia de todos os sócios a SBP poderá ter recursos para cumprir a sua missão, promovendo a Paleontologia no Brasil.

Valores da anuidade:

Sócio efetivo: R\$130,00

Sócio colaborador (estudante): R\$ 65,00*

(*) a anuidade de sócio estudante corresponde a 50% da anuidade do sócio efetivo, desde que comprovada condição de estudante, por meio de envio de comprovante de matrícula.

O pagamento pode ser efetuado por meio de depósito bancário, conta 14.017-1 da agência 0010-8, Porto Alegre, do Banco do Brasil, ou cheque nominal à SBP, cruzado, para Patrícia Hadler Rodrigues, MCN-FZB, Av. Salvador França, 1427, 90.690-000, Porto Alegre. **Envie cópia do recibo de depósito** para patricia.hadler@uol.com.br ou pelo fax (0xx51) 5908177, aos cuidados de Ana Maria Ribeiro.

Expediente

Paleontologia em Destaque N. 61

ISSN 1807-2550 Porto Alegre

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA

Presidente: João Carlos Coimbra (UFRGS)

Vice-Presidente: Ana Maria Ribeiro (FZB/RS)

1º Secretário: Marina Bento Soares (UFRGS)

2ª Secretária: Soraia Girardi Bauermann (ULBRA)

1ª Tesoureira: Patrícia Hadler Rodrigues (FZB/RS)

2ª Tesoureira: Karin Elise Bohns Meyer (UFMG)

Diretor de Publicações: Carla B. Kotzian (UFSM)

Editora: Carla B. Kotzian

Local: Santa Maria

Email: modrizalok@hotmail.com

Web: <http://www.sbpbrasil.org/>